

3. TURISMO EDUCACIONAL OU TURISMO PEDAGÓGICO

O turismo é uma riqueza geradora não apenas economicamente mas culturalmente e socialmente, como cita a autora Margarita Barreto:

O turismo é uma atividade que tem uma relação dialética com a sociedade. Do ponto de vista financeiro e dependendo da estrutura social do país em questão, o turismo pode ser uma atividade econômica geradora de riqueza. Pode, até, como no caso da Espanha, reerguer um país após duas guerras consecutivas (BARRETO, 2001- p.71).

A economia não é só importante como alteração causada no fator financeiro, mas também no conhecimento do turismo, a autora acima citada afirma:

A economia foi a primeira disciplina a estudar o turismo, porque, nas primeiras décadas deste século, percebeu-se, na Europa, que o turismo era fonte de divisas. A importância teórica do turismo dentro da economia e a profusão de estudos econômicos do turismo (que superam amplamente a quantidade de estudos sobre o turismo feitos por outras ciências) fizeram com que, inclusive no Brasil, na década de 1980, no auge das discussões sobre a regulamentação da profissão de “turismólogo”, os economistas se opusessem, dizendo que o turismo devia ser um ramo desta última ciência (BARRETO, 2001- p.71).

Mas ainda o preconceito e a má informação sobre o que é o turismo e o que envolve o mesmo, é muito comum, “ O senso comum pensa que trabalhar nessas áreas é divertimento ou gracejo, eventualmente tranqüilo ou gostoso, bastando ter uma boa aparência e vontade de se relacionar com outras pessoas” (TRIGO, 2003 – p.17).

Essa imagem já vem sendo trabalhada, porém ainda temos um longo percurso em divulgar a real atividade do turismo e aceitação na sociedade. Bem como no governo, o autor Trigo refere-se a esta mudança:

O Setor turístico tem passado por constantes etapas de profissionalização em virtude da nova conjuntura internacional e do crescente grau de exigência dos seus clientes na maior parte do mundo desenvolvido.

Atualmente, é inconcebível alguém fazer um planejamento em lazer ou turismo e não pensar na formação de mão-de-obra especializada que vai trabalhar na área. Os investimentos são muito elevados, os riscos são consideráveis e, por ser um setor de serviços o atendimento pessoal é fundamental. (TRIGO, 2003 p. 17)

O turismo educacional bem como o turismo pedagógico, são ramificações do turismo, uma segmentação como: turismo lúdico, turismo cultura, turismo de compras, turismo hoteleiro, turismo gastronômico, turismo de saúde, turismo gay, turismo sexual, turismo de natureza, turismo industrial, turismo antropológico, turismo de família, turismo ecológico, turismo religioso, turismo desportivo, turismo da melhor idade, turismo rural, turismo de observação, turismo didático, turismo científico, turismo matrimonial, turismo de negócios, turismo fúnebre, turismo místico entre outros ¹⁷. É importante dizer que tanto o turismo pedagógico quanto o educacional estão dentro dos outros seguimentos, pois quando uma pessoa viaja e pratica então o turismo ela sempre busca algo, e adquirir um novo conceito, uma nova forma de ver as coisas ao seu redor, então há um agrupamento de segmento, mesmo não sendo oficialmente delimitado, há uma busca de conhecimento dando então a abertura para o turismo pedagógico e educacional.

O turismo educacional tem como base a educação do turismo, ou seja capacitar pessoas a conhecer a indústria do turismo, suas características, seu envolvimento e sua aplicabilidade.

Grandes pesquisas deram-se início há muito pouco tempo se comparadas com outras áreas de estudos já conhecidas como filosofia, medicina, etc, como relatada no livro *A Sociedade Pós-Industrial e o Profissional em Turismo*. Frank M. Go relata um breve histórico sobre estas pesquisas:

Na fase contemporânea, a pesquisa em turismo foi realizada por acadêmicos como Hunziker e Krapf, na Suíça dos anos 1940. Entre os britânicos, destacam-se Ogilvie, Norval e Lickorish. Mas foi apenas nos anos 1970 que acadêmicos anglo-americanos começaram a mapear em profundidade as águas desconhecidas dos estudos turísticos. Enquanto isso, Medlik e Burkart, afiliados à Universidade de Serrey, destacaram-se no Reino Unido, ao mesmo tempo em que Clare Gunn da Texas A&M University, e Robert McIntosh, da Michigan State University, estavam entre os pioneiros da educação em turismo nos Estados Unidos. A segunda fase da educação em turismo começou no início dos anos 1980, quando uma revisão atualizada da rápida expansão do campo da educação em turismo, co-editada por Jafari

¹⁷ Otto di Beltrão Turismo – A Industria do século XXI – Osasco – 2003 – p. 31 à 59

e Brent-Ritchie, mudou o foco educacional turístico do nível pragmático para o nível acadêmico. Expandido o leque de possibilidades em educação para o turismo, os autores estabeleceram as bases de um ensino mais profundo e incrementaram a pesquisa. (Go 1994, pp. 333-334)

O autor continua a dissertar sobre o desenvolvimento teórico do turismo ao longo cronológico do tempo:

Uma terceira tendência para educação em turismo iniciou-se nos anos 1990, quando as mudanças geopolíticas, as novas tecnologias e as alterações demográficas provocaram um período de constantes mudanças e levaram inúmeros profissionais e pesquisadores a uma encruzilhada: ou eles continuavam nos mesmos caminhos conhecidos ou explorava, a trilha incógnita, dispostos a conhecer novos cenários (TRIGO, 2003- p.163).

A educação do turismo, objetiva uma nova perspectiva no desenvolvimento intelectual da pessoa por meio de literatura específica, conhecimento de outras línguas, informática, e um vasto conhecimento em outras culturas.

Este desenvolvimento na educação do turismo é um problema também social, pois o estudo ainda só é para uma minoria de pessoas que buscam este conhecimento específico, mas que no geral afeta toda a sociedade, economicamente e culturalmente, hoje as escolas em geral não proporcionam um conhecimento abrangente do turismo, que é uma atividade econômica de prestação de serviços, que afeta diretamente a realidade econômica do país, e de uma forma ou outra todos nós nos utilizamos do turismo, mas nem sempre a população sabe que participa do processo turístico, uma das definições do turismo segundo Doris Ruschmann:

O turismo é uma viagem que pode estender-se de alguns quilômetros até milhares deles, incluindo um ou vários tipos de transporte e estadas de alguns dias, semanas ou meses nos mais diversos tipos de alojamentos, em uma ou mais localidades. A experiência da viagem envolve a recreação ativa ou passiva, conferências e reuniões, passeios ou negócios, nos quais o turista utiliza uma variedade de equipamentos e serviços criados para o seu uso e satisfação de suas necessidades¹⁸.

Neste conceito uma grande maioria se encaixa, porque pequenas viagens feitas como visitas a familiares ou até mesmo a passeio independentemente de sua relação é

¹⁸ Otto di Beltrão Turismo – A Indústria do século XXI – Osasco – 2003 – p. 18

turismo, e há esta falta de conhecimento e de educação do turismo em nossa sociedade, perdemos a oportunidade de mudarmos a realidade social e econômica de nossas cidades e país.

Diante deste contexto, onde o turismo se destaca por sua importância econômica, social, cultural e ambiental, surge uma nova vertente, denominada turismo pedagógico, que faz parte do segmento do turismo cultural. O turismo pedagógico consiste no ensino do turismo em escolas de nível básico, fundamental e médio, objetivando esclarecer aos estudantes conceitos relacionados à atividade, através de aulas onde serão apresentados os termos técnicos da área, a importância da qualidade na prestação de serviços, os impactos positivos e negativos do turismo, dentre outros temas pertinentes à disciplina. Além disso, o turismo pedagógico tem como intuito promover relações com o ambiente, objetivando a geração de novos conhecimentos, de forma dinâmica e participativa. O ensino do turismo pedagógico propõe atividades diferenciadas das convencionais, sugerindo aos alunos, maior vontade de aprender, tornado assim o processo de ensino mais agradável, despertando o interesse dos alunos e motivando os professores, além de demonstrar a realidade de uma região.

O turismo pedagógico entra em ação quando há um deslocamento de pessoas em busca de um novo conhecimento e/ou complementação do mesmo, como a visita à museus, teatros, patrimônios históricos, culturais entre outras. São viagens direcionadas em estudos do meio para que os alunos mostrem sua criatividade e a capacidade de um conhecimento mais amplo das matérias, através de atividades práticas. Na metodologia vivencial um passeio pode se transformar em uma importante estratégia didática para que os alunos tenham a oportunidade de construir seu conhecimento. O Turismo Pedagógico vem como ferramenta na dimensão educacional, para enriquecer e valorizar essa capacidade, pelo visível, pelas descobertas, buscando uma maneira diferente de transformar a sala de aula que hoje torna-se cansativa em aula prática e realista.

Este tipo de atividade de deslocamento do seu lugar de habitat natural para um novo em busca de conhecimento proporciona o enriquecimento de maneiras de pensar e de atuar, expandindo o acervo cultural próprio. (BENI. 1998)¹⁹

Essa atividade do turismo pedagógico não é recente já consta este tipo de vivência no Séc. XVI, com a reforma protestante, o homem começa a mudar sua

¹⁹ Apud in - Maria Carolina da Silva Cunha, Pámela Vanessa Munhoz, Renata Ginicolo, Renata Mihua Hirose, Samantha Antunes Corvelo - **Turismo Educacional: Que Viagem É Essa?** - Alunas do 6º período do curso de Turismo do Centro Universitário Ibero-Americano, 2002, p.1

mentalidade e se interessar em conhecer o mundo a sua volta, em busca de novos conhecimentos. Nesta época quem realizava essas viagens eram os nobres, e filhos de comerciantes que tinham condições para bancar este processo, conhecer novas culturas para completar sua base educacional para que no futuro eles se tornassem ícones na educação e cultura dando status intelectual na sociedade da Idade Moderna.

Este avanço teve início no Séc. XVI, mas chegando ao seu grande desenvolvimento no Séc. XVIII onde o Grand Tur se firmava, mais uma vez este conhecimento através desta atividade foi restrito às famílias ricas que investiam na educação de seus filhos, estes jovens que em sua maioria saíam de Oxford ou de Cambridge. Esses jovens deveriam percorrer o mundo, ver como ele era governado e se preparar para ser um membro da classe dominante, essas viagens traziam o conhecimento para que pudesse ser aproveitado no reino e muitas dessas viagens a rainha bancava. Em torno da metade do século XVIII, o Grand Tour tornou-se comum entre as elites britânicas, reunindo ao mesmo tempo prazer e instrução apreciados com um toque de glamour.

Com isso o caráter da própria excursão modificou-se, e do “Grand Tour clássico”, com base em observações e registro de galerias, museus e artefatos altamente culturais, passou-se para o “Grand Tour Romântico”, que visava a valorização das paisagens. O Grand Tour era restrito aos homens que tinham normalmente 25 anos. Muito raramente as mulheres viajavam. Existiam 2 estágios; onde o primeiro era realizado na costa britânica e servia como uma espécie de treinamento para uma empreitada mais longa; por isto a língua não era o empecilho. Depois as viagens duravam de 6 meses a 2 anos.²⁰

A partir daí as viagens foram se popularizando e originando as casas de hóspedes, pousadas e alojamentos. Essa mania foi se estendendo ao longo do tempo e ainda hoje é muito comum entre os europeus. Vale a pena destacar também o papel da imprensa nessa época, quando produziram os primeiros textos sobre as viagens. Sendo distribuídas em todos os locais da Europa. Essas primeiras publicações serviam para despertar o interesse de viajar nas pessoas.

E é justamente isso que propõe a educação moderna, baseada aqui na teoria construtivista, uma vez que exige novos cenários e novas experiências, visando a

²⁰ Maria Carolina da Silva Cunha, Pámela Vanessa Munhoz, Renata Ginicolo, Renata Mihua Hirose, Samantha Antunes Corvelo - **Turismo Educacional: Que Viagem É Essa?** - Alunas do 6º período do curso de Turismo do Centro Universitário Ibero-Americano, 2002, p.2

formação integral do ser humano. Sendo assim, o turismo educacional é uma das maneiras para se alcançar essa finalidade, porque tem em si a vantagem de relacionar aprendizagem com diversão.

Antes de prosseguir, faz-se necessário falar brevemente sobre o construtivismo, teoria de educação contemporânea que dá embasamento à realização deste trabalho. O construtivismo nasceu da epistemologia de Jean Piaget, sociólogo soviético, na primeira metade do século XX e pressupõe transformação; é um movimento de mudança e, por isso, repleto de aberturas e possibilidades (CALIGHER, 1998, p.12).

Por insinuar mudança de visão, o construtivismo busca considerar o conhecimento a partir da interação de dois diferentes elementos: o sujeito histórico e o objeto cultural. A leitura particular que cada indivíduo faz perante a atividade proposta para o aprendizado é de extrema importância na concepção construtivista, pois trata-se de uma construção peculiar, isto é, uma aprendizagem significativa, que se enquadra na facilidade de memorizar o conteúdo, na funcionalidade e na continuidade da aprendizagem.

Um dos caminhos mais comuns para permitir o contato dos alunos com um meio qualquer é a realização de estudos do meio, que nada mais é que uma prática de ensino, se constitui como elemento fundamental da interdisciplinaridade e interação do aluno como um meio qualquer. Isto é, semelhante à atividade turística, o estudo do meio visa transformar as aulas em passeios, transportando os alunos para diferentes lugares, com a finalidade de estudo. Essas “aulas-passeio” colocam os alunos em interação com o meio, gerando um círculo de relações sociais, econômicas e culturas interligadas, as quais permitem caracterizar esse tipo de atividade como uma forma de lazer e turismo aplicados à educação. Por esse motivo, engana-se quem pensa que o turismo educacional é uma mera excursão. Isso porque as atividades envolvem o aprendizado e têm horizontes bem mais amplos que uma simples saída cultural para um museu ou parque, já que sua proposta é integrar uma ação fora dos muros da escola ao currículo, reforçando, assim, conteúdos vistos em classe.²¹

Existem agências de viagens específicas que já trabalham com pacotes específicos para estas aulas, onde buscam o conhecimento, e aprendem de uma nova forma, se descontraindo, brincando e vivendo o que se passa.

²¹ Maria Carolina da Silva Cunha, et al, op cit - Turismo Educacional: Que Viagem É Essa? - Alunas do 6º período do curso de Turismo do Centro Universitário Ibero-Americano, 2002, p.3 – 4

Este conceito de turismo que envolve não somente os profissionais da área causa um tipo de choque, em relação a forma de adquirir conhecimentos que a educação habitual realiza, Paulo Freire relata sobre esta inovação:

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico, O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo.(FREIRE, 2004, p.35)

Utilizar o método pedagógico já utilizado e agregar mais valores e novas diretrizes, essa questão envolve o turismo pedagógico e educacional, Rubem Alves, aborda a educação como parte essencial para o desenvolvimento do país:

... Existe uma diferença qualitativa entre aquilo que fazem os ministérios administrativos e aquilo que o ministério da educação deve fazer. A diferença entre eles é simples. Os ministérios administrativos cuidam do hardware do país. Eles lidam com a “musculatura” nacional. O ministério da educação tem a seu cuidado o software do país. Ele cuida da “inteligência” nacional. Seu objetivo é fazer o povo pensar. Porque um país – ao contrário do que me ensinaram na escola – não se faz com as coisas físicas que se encontram em seu território, mas com pensamentos de seu povo. (Alves, 2006 . p.24)

A educação é a base para o desenvolvimento da cidadania, esta afirmação agora tem base na Lei brasileira se tornou um direito de todos:

...Também muito se tem falado da educação; a mídia, os governos, os empresários, a sociedade a tem posto na ordem do dia. E não são poucos os discursos que colocam para a educação a tarefa de formar um cidadão. Mais recentemente, também a filosofia entrou na roda a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, finalmente aprovada em dezembro de 1996, afirma que os jovens egressos no ensino médio devem dominar os “conhecimentos de filosofia necessários ao pleno exercício da cidadania”. (GALLO, 2001, p.133-134)

Com bases nessas definições acima podemos dizer que é importante lembrar que um dos grandes questionamentos que podem ser levados em consideração quando se fala em turismo educacional diz respeito aos tipos de educação (formal, não-formal). Afinal, qual esfera da educação é mais eficaz: a educação formal, aquela que se dá pelo

conteúdo curricular pré-estabelecido e que visa a formação escolar, ou a educação não-formal, que possui em si grande valor educativo, porém sem a carga da obrigatoriedade? É lógico que a incorporação desse tipo de atividade na educação formal é algo de suma importância, já que tem como ponto central o aprendizado, tornando-o mais interessante por permitir a construção do conhecimento pela interação com o meio. No entanto, ainda fica implícito o caráter de obrigação, pois mais cedo ou mais tarde essa experiência sofrerá algum tipo de cobrança ou mesmo passará por alguma avaliação. Em contrapartida, embora a educação não-formal esteja destituída da obrigatoriedade, ela também é rica quanto ao seu caráter educativo. A aprendizagem se dá sem a preocupação de atingir-se um objetivo / conteúdo determinado, ou seja, ocorre de maneira espontânea, fora do horário escolar; é um aprender divertindo-se, com forte presença da ludicidade.²² Este conceito que nos leva a utilizar o turismo educacional e pedagógico como ferramentas para melhorar o nível de educação de nossa sociedade.

²² Maria Carolina da Silva Cunha, et al, op cit - **Turismo Educacional: Que Viagem É Essa?** - Alunas do 6º período do curso de Turismo do Centro Universitário Ibero-Americano, 2002, p.4 – 5